

BOLETIM DE CONJUNTURA

70

preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

2012

3º TRIMESTRE

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

A indústria portuguesa de calçado continua a mostrar resiliência face a uma conjuntura económica nacional e internacional pouco favorável. No terceiro trimestre de 2012, a produção aumentou e a carteira de encomendas registou algum alongamento que sustenta perspectivas de novo crescimento da produção até ao final do ano. Apesar disso, as empresas colocam a insuficiência de encomendas do estrangeiro no topo das suas preocupações. Também o preço das matérias-primas constitui uma dificuldade relevante. O nível de emprego na indústria tem-se mantido estável mas as empresas já não indicam dificuldades no recrutamento de mão-de-obra, mesmo que qualificado, ao contrário do que ainda acontecia no passado recente.

A opinião predominante é de que o estado atual dos negócios é suficiente, embora pior do que o registado na mesma altura do ano anterior, e as perspectivas são de que assim continue a ser no último trimestre de 2012.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

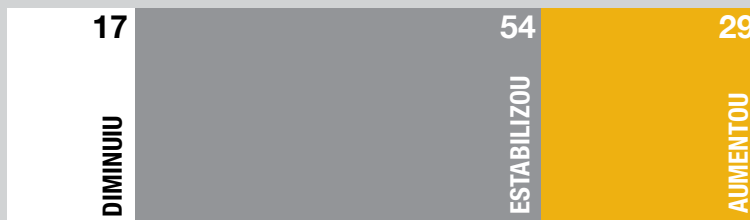
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

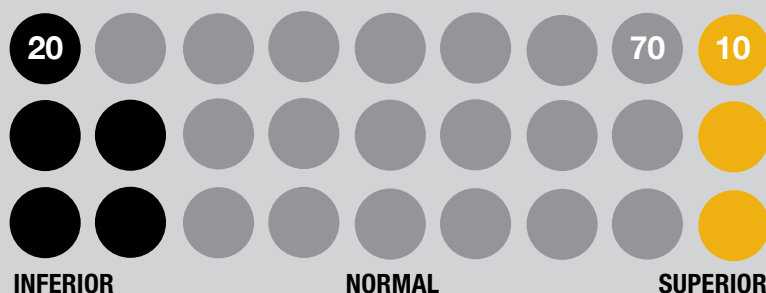
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

No 3º trimestre de 2012, o nível de **produção** da indústria portuguesa de calçado continuou a recuperar, tendo as empresas que afirmaram que aumentou superado em 12 pontos percentuais (p.p.) as que disseram o oposto. Esta tendência de crescimento da produção verificou-se sobretudo entre empresas de pequena dimensão e naquelas com maior peso de coleção própria nas vendas.



Utilização da Capacidade



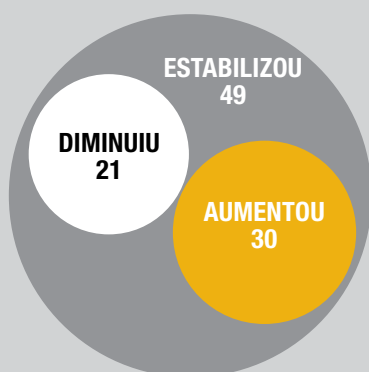
Utilização da capacidade produtiva evoluiu igualmente de forma positiva: 70% das empresas disseram que foi normal para a época do ano e, entre as restantes, o saldo entre as que a consideraram melhor e pior do que o habitual (s.r.e. – saldo de respostas extremas) atenuou-se para -10 p.p., o melhor resultado do último ano.

Carteira de Encomendas

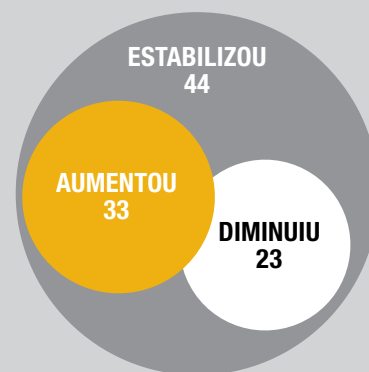
Contrariando as perspetivas de sentido negativo que as empresas tinham formulado no final do 2º trimestre, a evolução da **carteira global de encomendas** foi favorável: cerca de metade das empresas afirmaram que se manteve estável mas as que disseram que aumentou superaram em 9 p.p. as que indicaram uma diminuição. Este s.r.e. foi positivo tanto entre as empresas mais orientadas para os mercados internacionais como entre as que vendem predominantemente em Portugal.

As opiniões relativas à **carteira de encomendas vindas do estrangeiro** foram um pouco mais polarizados, com um menor número de empresas a afirmar que se manteve inalterada (44%) por contrapartida de um maior número quer de indicações de aumento (33%) quer de diminuição (23%), resultando num s.r.e. de 10 p.p., o mais elevado dos últimos 5 trimestres.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



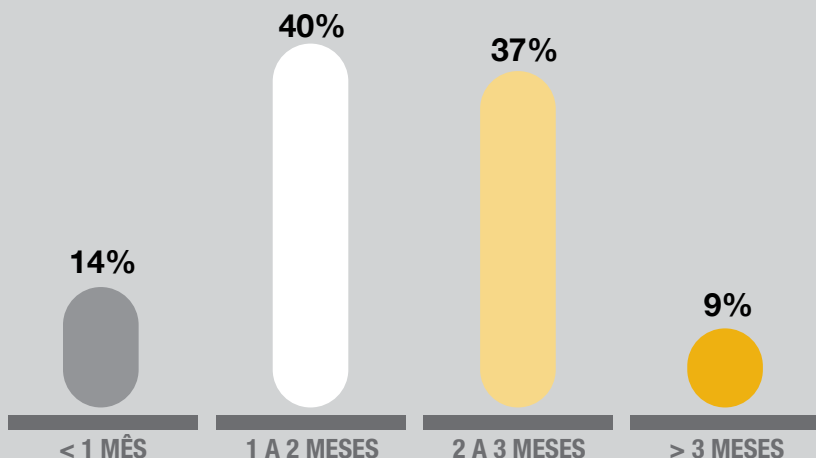
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

O tempo de produção assegurada pela carteira de encomendas alongou-se ligeiramente, tendo a percentagem de empresas que afirmam ter mais de 2 meses de atividade garantida passado de 34% para 49%. No entanto, a percentagem das que dizem ter menos de 1 mês assegurado aumentou do nível excepcionalmente baixo de 9%, que tinha atingido no 1º trimestre, para 14%. Esta situação é tanto mais frequente quanto menor a dimensão das empresas.



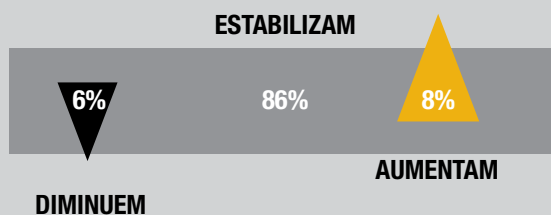
Preços

Quase 9 em cada 10 inquiridos afirmam que os preços permaneceram estáveis, tanto em Portugal como no estrangeiro. No entanto, tal como no trimestre anterior, enquanto relativamente a Portugal as indicações de descida superam as de subida (s.r.e. -3 p.p.), no que respeita ao estrangeiro passa-se o inverso (s.r.e. +2 p.p.): passaram-se já dois anos e meio desde a última ocasião em que este inquérito apontou para uma descida dos preços no estrangeiro. As empresas que vendem mais coleção própria são as mais insatisfeitas com a evolução dos preços.

EM PORTUGAL



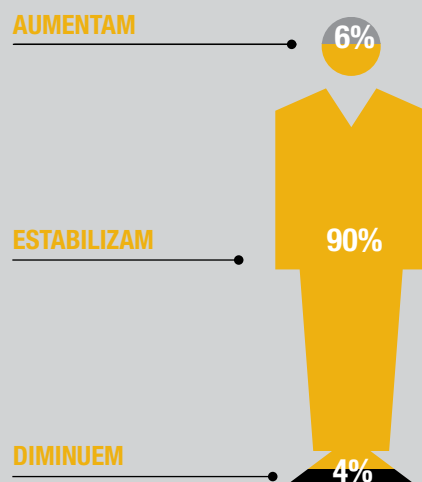
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

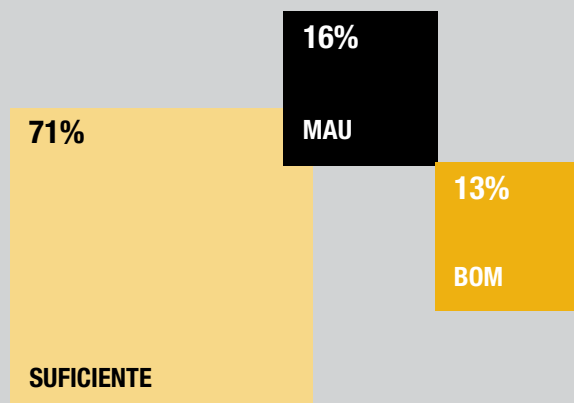
A estabilidade continua a ser a perspetiva dominante quanto ao emprego: 90% dos inquiridos dizem que, no terceiro trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não sofreu alteração. Contudo, depois de se ter passado o inverso nos dois primeiros trimestres do ano, as empresas que afirmaram ter aumentado o seu nível de emprego superaram agora ligeiramente as que disseram o contrário (s.r.e. +2 p.p.), vindo as respostas mais favoráveis das que se dedicam exclusivamente à exportação.



Estado dos negócios

Apesar de um contexto económico muito desfavorável, mais de 70% das empresas entendem que o **estado atual dos negócios** é suficiente. O saldo de respostas extremas tem-se mantido sensivelmente inalterado desde o início do ano, com o número das empresas que afirmam que o estado dos negócios é mau a ser ligeiramente superior ao das que dizem que é bom.

No entanto, a comparação com o que passava há um ano atrás revela a deterioração da conjuntura: as empresas que afirmam que o estado dos negócios está pior do que então se verificava superam em 18 p.p. as que dizem que está melhor. Ainda assim, desde o início do ano, este saldo tem vindo a melhorar e mais de metade das empresas dizem que a situação permanece inalterada.



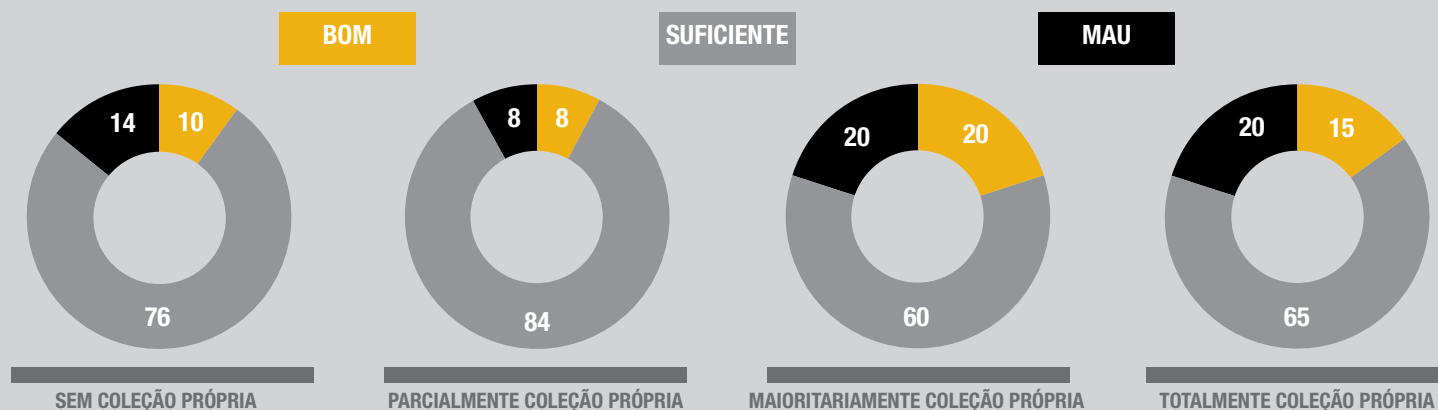
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Ao contrário do que se passou em trimestres recentes, não há agora uma relação linear entre o peso da coleção própria nas vendas e a apreciação do estado dos negócios: nota-se apenas que, entre as empresas que vendem maior percentagem de coleção própria, as opiniões são

mais polarizadas, com percentagem mais elevada de indicações de que o estado dos negócios é bom ou mau e menos respostas intermédias.



Limitações à produção

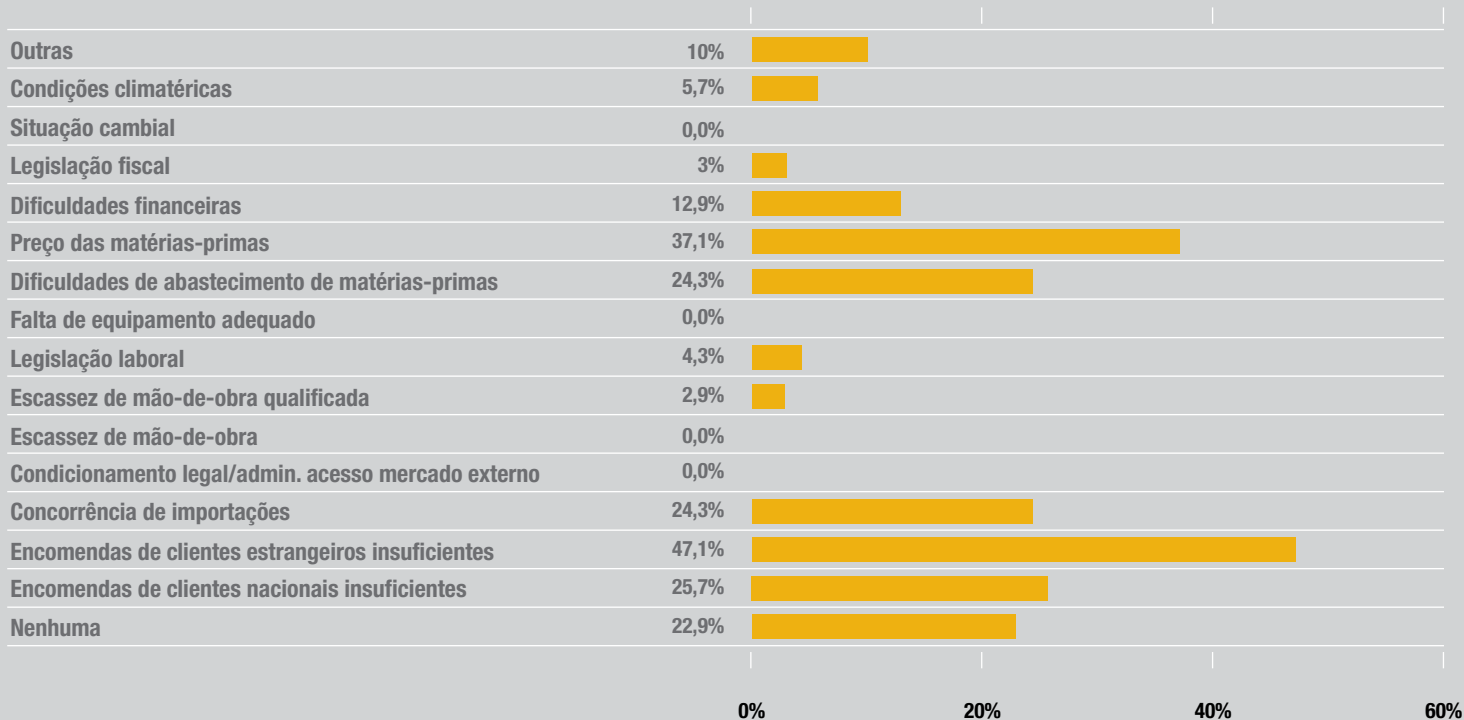
Em consonância com a evolução favorável da carteira das empresas anteriormente descrita, as respostas das empresas apontam para um abrandamento das dificuldades de mercado: a percentagem das que dizem debater-se com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros caiu pelo segundo trimestre consecutivo, para 47%, e a das que referem insuficiência de encomendas de clientes nacionais foi de 26%, valor semelhante ao das que têm dificuldades resultantes da concorrência das importações (24%). De notar que, entre as empresas que vendem apenas coleção própria, esta última percentagem desce para 10%.

Voltaram a acentuar-se as dificuldades decorrentes do preço das matérias-primas que, com 37% de referências, foram as segundas mais mencionadas, atrás da insuficiência das encomendas do estrangeiro. Embora sem gran-

de agravamento, o abastecimento em matérias-primas mantêm-se entre as principais preocupações da indústria, com 24% de referências. Em contrapartida, apesar das indicações de aumento da produção, não houve qualquer referência a escassez de mão-de-obra e as referências à escassez de mão-de-obra qualificada caíram para apenas 3%, o seu nível mais baixo de sempre, refletindo a situação que se vive no mercado de trabalho. Também a falta de equipamento não recebeu qualquer menção, como vem sendo habitual.

As limitações de natureza legislativa preocupam um número muito limitado de empresas, não ultrapassando 4% de referências. Há, no entanto, 10% de referências a “outras” limitações não especificadas.

As dificuldades financeiras são mencionadas por 13% das empresas, uma percentagem elevada face ao histórico da indústria mas semelhante ao que se tem verificado ao longo do último ano. Também a percentagem de empresas que dizem não enfrentar qualquer limitação (23%) é semelhante à dos trimestres anteriores



Tendências da produção

Para o último trimestre do ano, as previsões formuladas pelas empresas apontam para o crescimento da **produção**: embora um pouco mais de metade (52%) dos inquiridos afirmem prever a sua estabilização, entre os restantes, os

que esperam um crescimento da produção superam em 8 pontos percentuais os que receiam uma diminuição. Estas previsões são mais favoráveis entre as empresas de média e grande dimensão.

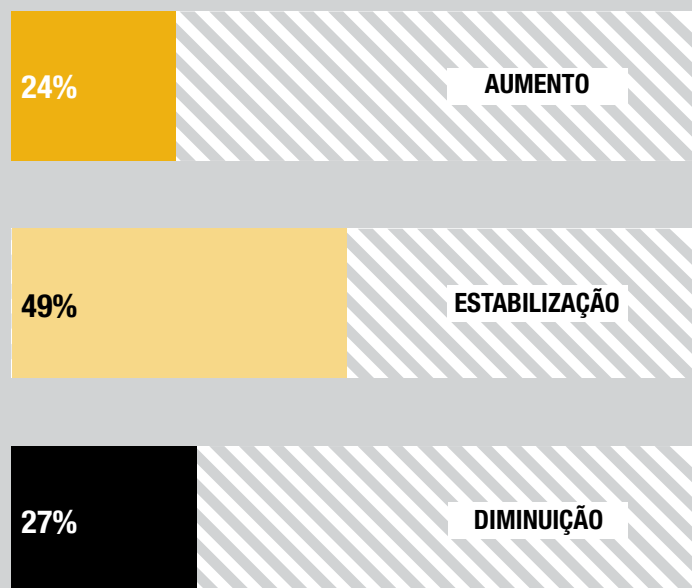


Perspectivas de encomendas

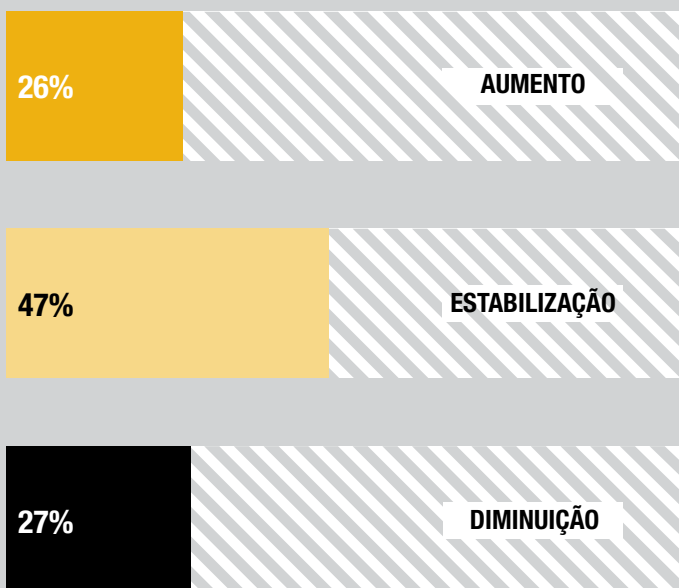
O esperado crescimento da produção assentará, no entanto, segundo as previsões formuladas, na satisfação das encomendas já obtidas, uma vez que as perspetivas para a **carteira global de encomendas** são menos otimistas: embora quase metade das empresas (49%) acreditem que se manterá inalterada, as que preveem uma diminuição superam ligeiramente as que acreditam no seu aumento (s.r.e. -3 p.p.).

O saldo de respostas extremas relativo à **carteira de encomendas do estrangeiro** é praticamente nulo (-1 p.p.), sugerindo a sua estabilização. Tal como relativamente à carteira global, as empresas de média e grande dimensão formulam previsões mais favoráveis.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

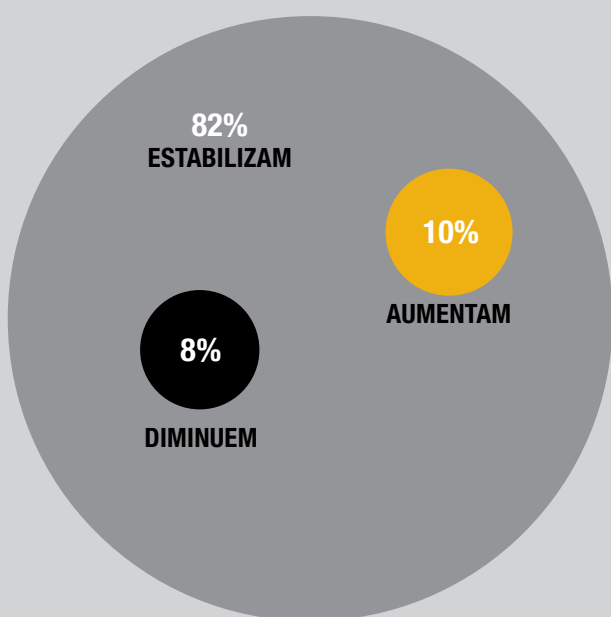


Perspetivas de preços de venda

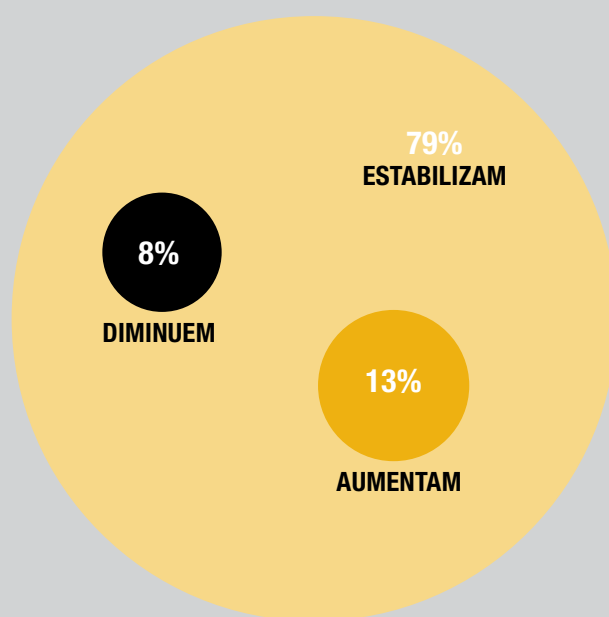
As previsões relativas aos preços são, como habitualmente, dominadas pela perspectiva de estabilidade: 4 em cada 5 empresas preveem que os preços se manterão inalterados. No entanto, no que respeita aos **preços em Portugal**, o saldo de respostas extremas é positivo em 2 pontos percentuais, sugerindo uma ligeira tendência de crescimento.

Essa tendência é mais vincada quanto aos **preços no estrangeiro**, caso em que o s.r.e. é de +5 pontos percentuais e atinge mesmo os +12 p.p. entre as empresas que vendem exclusivamente coleção própria.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

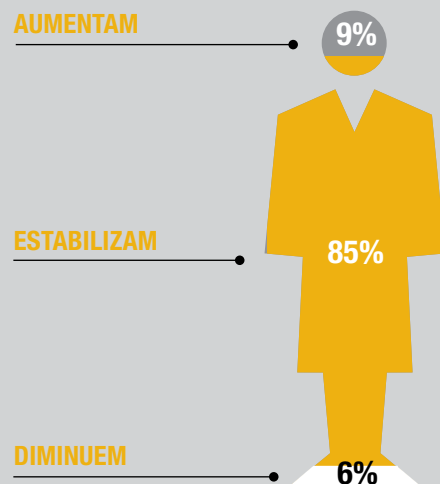


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

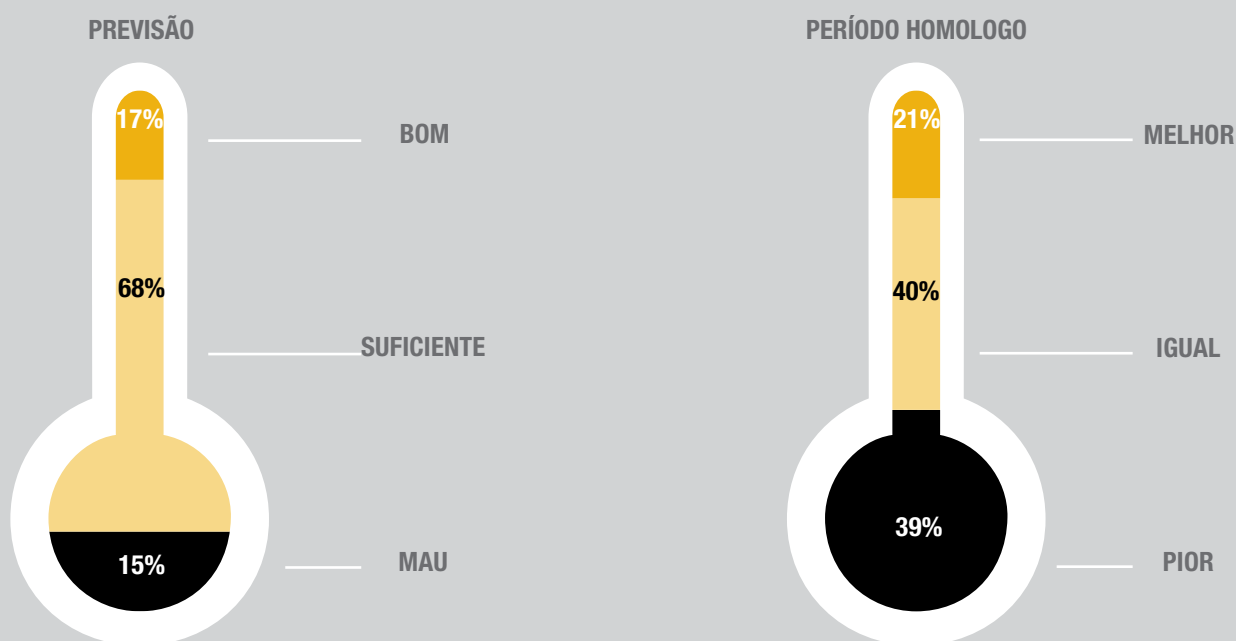
A larguíssima maioria das empresas (85%) não prevê, para o quarto trimestre, qualquer alteração no **número de pessoas ao seu serviço**. No entanto, pela primeira vez no último ano e meio, são mais as empresas que esperam aumentar a sua força de trabalho do que as que preveem reduzi-lo, sendo o saldo entre estas respostas de 3 pontos percentuais.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

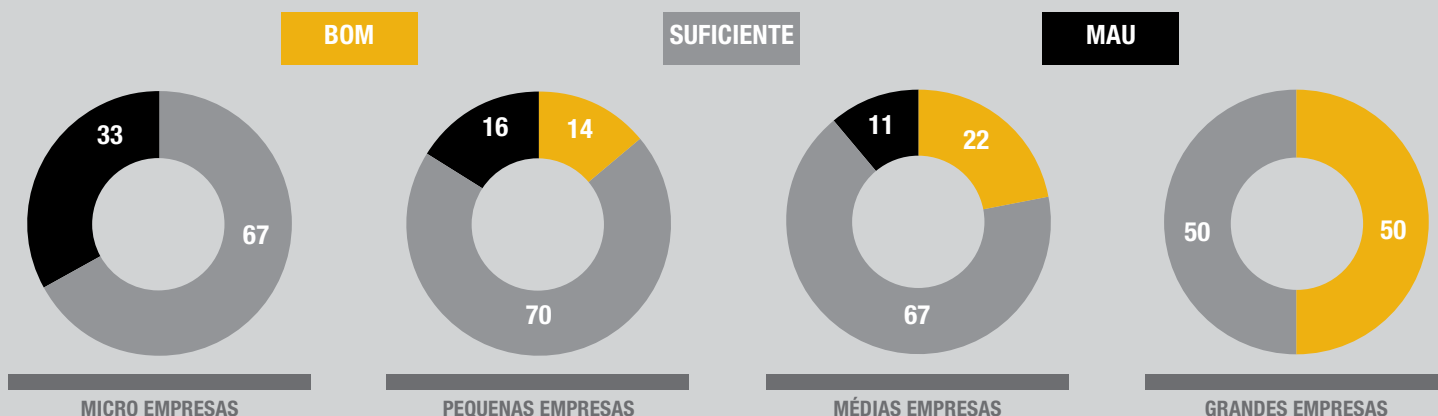
As previsões relativas ao **estado de negócios** são também de sinal positivo, com um saldo de respostas extremas de + 2 p.p., o que, a concretizar-se, representaria uma melhoria face aos -3 p.p. verificados no trimestre que agora terminou. A perspetiva dominante, no entanto, é também de estabilidade (68%).

A degradação da conjuntura é, no entanto, patente quando se pede aos inquiridos que comparem o estado de negócios que preveem para o último trimestre de 2012 com o que existia um ano antes: os que pensam que será pior superam em 18 p.p. os que acreditam que será melhor.



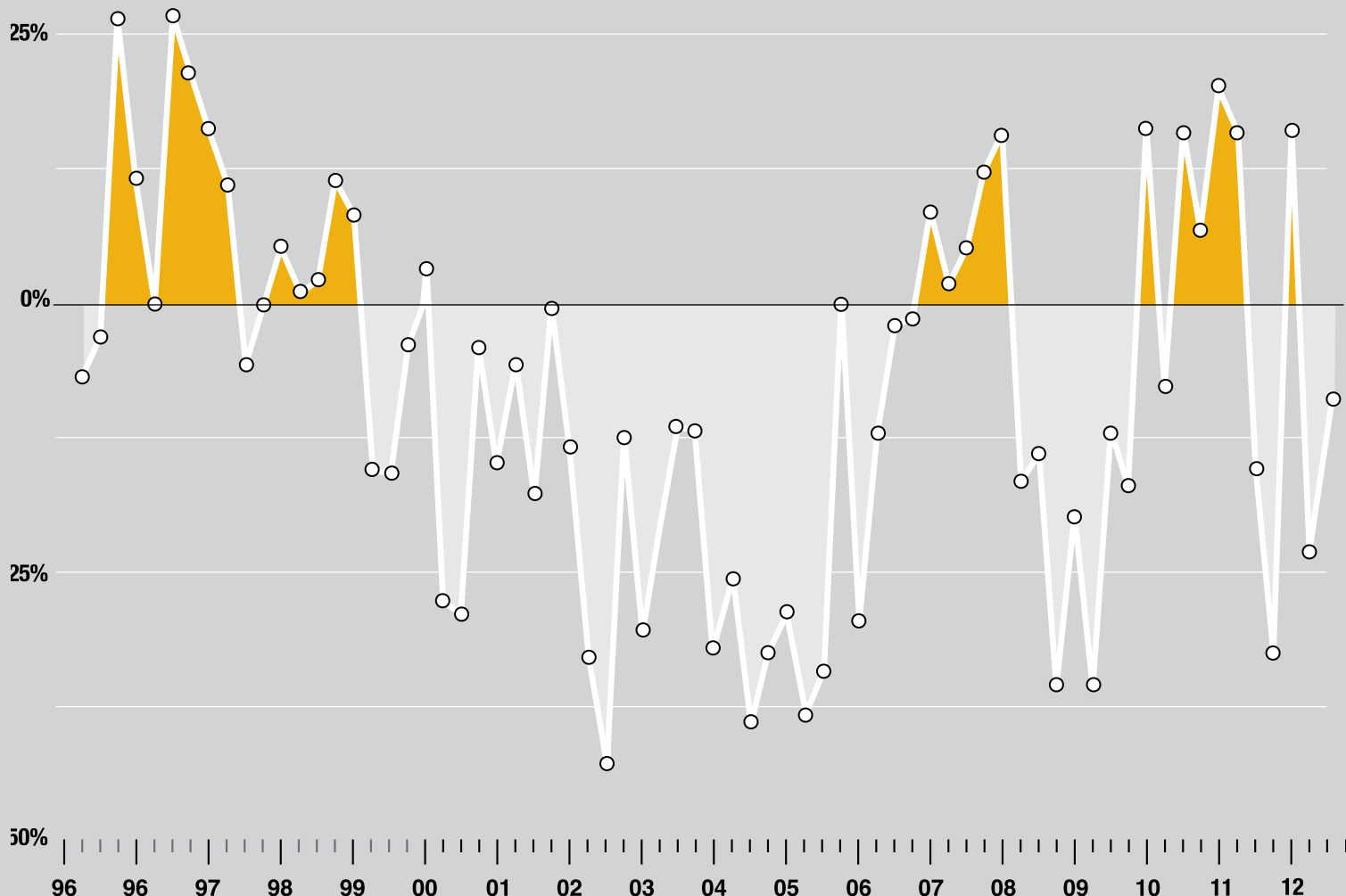
Apuramento dos resultados

Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas. As previsões relativas ao estado de negócios são tendencialmente mais favoráveis entre as empresas de maior dimensão e entre as que têm menor peso da coleção própria nas vendas. No entanto, estas últimas entendem, ainda assim, que a situação será substancialmente pior do que um ano antes.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O indicador síntese de expectativas empresariais apresenta uma substancial melhoria face ao segundo trimestre, passando de -23 p.p. para -7 p.p., mas mantém-se em terreno negativo devido à forma desfavorável como as empresas comparam as perspetivas de estado de negócios para o próximo trimestre com o período homólogo do ano anterior.



De acordo com as empresas inquiridas, o último trimestre do ano deverá ser marcado por um aumento das dificuldades de mercado, com 51% a referirem prever a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, quando só 47% se referiram a este tipo de dificuldade no período transato. Também as previsões de dificuldades financeiras, mencionadas por 16% dos inquiridos, superam as referências que lhes foram feitas no segundo trimestre, enquanto a percentagem de empresas que acreditam não ir suportar nenhuma dificuldade (20%)

fica aquém das que não as sentiram agora, no que constituem outros sinais de agravamento da conjuntura. Em contrapartida, as empresas acreditam num abrandamento das dificuldades decorrentes da concorrência das importações (caem de 24% para 19%) e do preço e abastecimento em matérias-primas (de 37% para 34% e de 24% para 21%, respetivamente).

Notas de Conjuntura

O Governo apresentou recentemente, estando em discussão na especialidade no Parlamento, o Orçamento de Estado para 2013. O quadro macroeconómico subjacente ao orçamento, que tem sido considerado otimista pela generalidade dos analistas, prevê, para o próximo ano, uma contração do PIB em 1%. Entre as componentes da despesa mais relevantes para a indústria do calçado, de destacar a previsão de uma quebra de 2,2% no consumo privado e de uma expansão de 3,6% nas exportações. O desemprego deverá atingir, segundo o Governo, 16,4%.

Durante o passado mês de outubro, a “troika” realizou o 5º exercício de avaliação do programa de assistência financeira internacional ao nosso país. De acordo com o relatório preparado pelo staff do FMI:

“As autoridades fizeram bons progressos na redução dos desequilíbrios macroeconómicos ao abrigo do programa. Mas, depois de um forte início, o programa entrou numa fase mais desafiadora. No plano económico, surgiu um grande e duradouro desequilíbrio fiscal resultante de uma alteração na composição do produto de procura interna para exportações menos tributadas. E, politicamente, o amplo consenso que esteve subjacente ao programa está em risco. (...)

A recessão deverá prolongar-se para o novo ano, refletindo o abrandamento da atividade económica na área euro bem como o impacto fiscal do ajustamento adicional que é agora necessário. O produto deverá contrair-se cerca de 1% no próximo ano. (...)

Os riscos relativos às perspetivas macroeconómicas e aos objetivos fiscais são significativos e predominantemente negativos. (...) Uma melhoria no ambiente económico mais amplo da área euro é crítico para o sucesso do programa.”

Fundo Monetário Internacional, *Staff report for the Fifth Review Under the Extended Arrangement and Request for Waivers of Applicability and Nonobservance of End-September Performance Criteria*, 15 outubro 2012¹

Também durante o mês de Outubro, o Fundo Monetário Internacional publicou a sua mais recente análise da economia global. O tom geral é pouco animador:

“A recuperação sofreu novos problemas e a incerteza pesa fortemente nas perspetivas. Uma razão chave é que as políticas nas principais economias desenvolvidas não restauraram a confiança nas perspetivas de médio prazo. (...) As previsões do World Economic Outlook (WEO) apresentam por isso apenas um fortalecimento gradual da atividade a partir do ritmo relativamente desapontante do início de 2012. As previsões de crescimento global, de 3,3% e 3,6% em 2012 e 2013, respetivamente, são mais fracas do que na atualização de Julho 2012 do WEO em que, por sua vez, eram mais fracas do que as da edição de Abril de 2012 do WEO. O produto deverá permanecer vagaroso nas economias avançadas mas ainda relativamente sólido em muitos mercados emergentes e economias em desenvolvimento. O desemprego deverá permanecer elevado em muitas partes do mundo. E as condições financeiras permanecerão frágeis (...).

(...) os riscos negativos aumentaram e são consideráveis. (...) há agora uma possibilidade em seis de que o crescimento global fique abaixo de 2%, o que seria consistente com uma recessão nas economias avançadas e crescimento lento nas economias emergentes e países em desenvolvimento. Em última análise, no entanto, as previsões do WEO dependem de ação política crítica na área euro e nos Estados Unidos e é muito difícil estimar a probabilidade de que essa ação se materialize.”

Fundo Monetário Internacional, *World Economic Outlook*, outubro 2012¹

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional